

Antônio Carlos prevê crise social no país

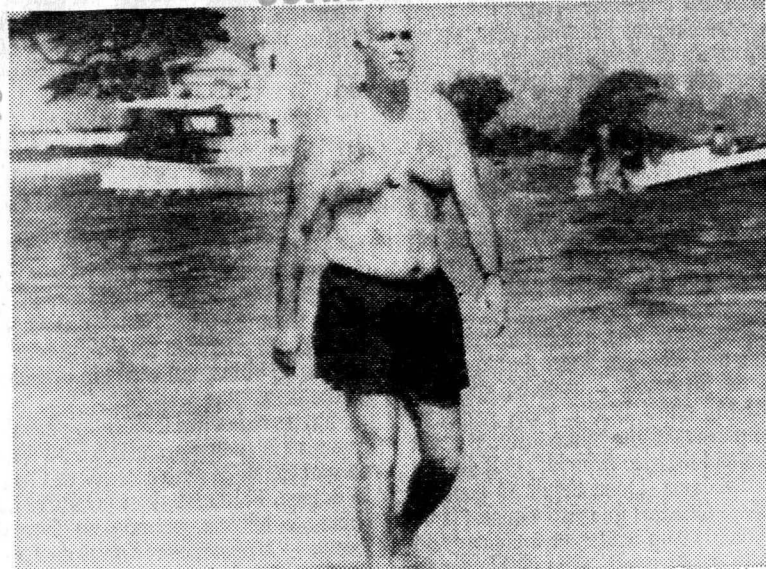
Governador eleito da Bahia critica ações do governo

Mário Rosa

SALVADOR — O governador eleito da Bahia e ex-ministro das Comunicações durante os cinco anos do governo Sarney, Antônio Carlos Magalhães, não apóia o principal pilar de sustentação da política econômica do governo do presidente Fernando Collor: o combate, a qualquer custo, da inflação. Para Antônio Carlos, a visão de que o instrumento mais eficaz para derrubar os preços encontra-se na paralisação da economia provocada pela recessão, defendida pela equipe da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, pode servir como combustível para a instalação de uma crise social no país.

“O governo não pode ter como única meta o combate à inflação. É preciso que exista pelo menos um grande programa nacional que marque a ação do Estado na campo social. O governo precisa eleger uma prioridade paralela à inflação e mostrar resultados concretos na área escolhida”, afirma o governador eleito. “Sem isso, a luta pela queda dos preços pode trazer como resultado o agravamento das tensões sociais, decorrente do aumento das greves e da falta de opções de sobrevivência para uma larga parcela dos trabalhadores”, acrescenta. Antônio Carlos considera que o programa de ajuste implantado com a posse do novo governo atravessa, no momento, uma fase crucial. A encruzilhada, para ACM, decorre da incapacidade das medidas econômicas adotadas até agora de jogar para baixo a carestia.

É essa resistência inflacionária, na visão de ACM, que estaria colocando as empresas na dianteira das remarcações — uma reação que, na prática,



ACM recupera energias no mar da praia da Penha

acaba por realimentar a ciranda dos preços. “Enquanto a inflação não descer para índices abaixo dos 10% ao mês, pelo menos, a credibilidade do plano será questionada pelos grandes empresários e pelos grupos econômicos mais poderosos”, acredita. Vinte quilos mais magro, instalado numa confortável casa à beira da praia da Penha, na ilha de Itaparica, onde se encontra desde a manhã de sábado para repor as energias da campanha eleitoral em longos mergulhos no mar, o governador eleito da Bahia não procura atingir Collor ou marcar uma linha de afastamento do governo, ao manifestar suas preocupações em relação à economia.

Ao contrário, Antônio Carlos é só elogios quando se refere ao presidente. “Não se pode imaginar que seja possível baixar a inflação e recolocar a economia em ordem sem um grande sacrifício”, diz ele. “Quem sustentar o contrário está falando como candidato, e não como alguém que realmente analisa com frieza a situação brasileira”. O fato, contudo, é que a avaliação do

governador sobre as realizações do governo federal assume tonalidades mais ou menos negras, de acordo com quem seja seu interlocutor. Em público, ACM apresenta motivos de quem está prestes a assumir um governo estadual, para respaldar seus comentários econômicos.

“A Bahia é um estado pobre que não pode ser tragado por uma recessão de grandes proporções”, explica. “A recessão significaria mais fome, mais pobreza e a degeneração ainda maior das condições de vida da população”, diz. ACM também está preocupado com os efeitos da estagnação econômica sobre o desenvolvimento do estado que passa a governar a partir do próximo dia 15 de março. “Do ponto de vista das empresas, que geram empregos, a queda da atividade econômica seria ainda mais maléfica, no longo prazo. O pólo petroquímico de Camaçari, por exemplo, já deveria ter a segunda fase de seu projeto iniciada. Ocorre que a ampliação do pólo não ocorreu, o que cria obstáculos para o desenvolvimento da Bahia”, lembra.

“Governo ruim” — Tanto em declarações oficiais, quanto em conversas mais reservadas com pessoas de sua confiança, ACM não esconde sua admiração pessoal pelo presidente e não esquece de ressaltar as inúmeras demonstrações de cortesia com que tem sido distinguido por Collor nos últimos meses. O mesmo não faz em relação aos demais integrantes do primeiro escalão da República, quando trata do assunto com amigos. Empenhado em manter boas relações com os 12 ministros e seis secretários de Collor, Antônio Carlos não censura, até por cortesia, nenhum auxiliar presidencial publicamente. A um amigo com quem esteve na semana passada, o governador eleito expôs com franqueza suas opiniões. “O presidente é bom, mas o governo é ruim”, disse ACM, de acordo com um interlocutor.

Poucos ministros saem ilesos da avaliação de ACM. Um dos piores seria o do Trabalho, Antônio Rogério Magri, que não se comportaria com o decoro merecido pelo cargo. Outro ponto fraco no Ministério, na exposição feita por ACM, é o ministro da Educação, Carlos Chiarelli, com quem manteve uma guerra aberta, no final do governo passado, em virtude da CPI comandada por Chiarelli que averiguava denúncias de corrupção da gestão de Sarney.

“No dia em que vier a sofrer algum tipo de discriminação, vou bater duro e dizer que a Bahia está sendo discriminada”, contou ACM na conversa com seus amigos, da semana passada. Numa das áreas que conhece mais a fundo, o governador identifica um dos mais retumbantes fiascos do governo, até agora — as telecomunicações, que comandou o governo Sarney, hoje subordinada ao ministro Ozires Silva. “Se continuar no ritmo atual, o governo não vai conseguir implantar nem a metade dos telefones instalados pelo governo Sarney”, comentava ACM.